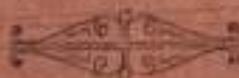


JOSÉ DIAS SANCHO

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

Roteiro do Algarve

*Conferência realizada em Faro,
no Teatro Lethes, no dia 24
de Junho de 1928, no ciclo
promovido pelo "Diário de
Notícias".*



EDIÇÃO
DA
EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
Rua do Diário de Notícias, 78
LISBOA

82 SAN



RTA
CDI
N.º 2747 DATA 10/5/01

4093

Convidado pelo *Diário de Notícias* para dizer, nesta capital de distrito, uma conferência sobre turismo, aceitei com vivo prazer a agradável, ainda que espinhosa tarefa, não só por se tratar duma iniciativa dum grande jornal do meu país, como também pelo pretexto que se me oferecia de debater problemas que muito interessam ao Algarve, província que dentre todas eu distingo, porque foi nela onde nasci!

Não é meu intento ponderar a competência que possuo para me ocupar do assunto, — pois receio chegar á demonstração de que a não tenho... Todavia entendi que era cumprir um dever receber de braços aberto o encargo que me confiaram generosamente, — e posso firmemente garantir a VV. Ex.^{as} que é sempre com satisfação que costumo cumprir os meus deveres!

Antes porém de abordar o momentoso tema que me propuz, cumpre-me saudar calorosamente o *Diário de Notícias* pela sua admirável obra regionalista, bem patenteada, no que diz respeito ao Algarve, na vibrante e espontanea oferta de colaboração no projectado Segundo Congresso Algarvio, e na iniciativa, sob os títulos feliz, de levar a efeito nesta província uma autentica campanha de turismo, na qual eu desempenho, certamente, o papel dum dos mais modestos cooperadores.

A franca publicidade do *Diário de Notícias*, melhor, o seu especial carinho por esta parcela bemdita de território português que já se denominou Reino de Chenchir, Al-faghar, Reino dos Algarves, e que hoje se chama simplesmente Algarve, palavra que contem em si uma explosão de azul e de distancia romanesca, representa uma tal obra de justiça, que nós todos temos o dever de a assinalar!

Ao *Diário de Notícias*, pois, os meus cumprimentos, estando certo de que estas palavras sinceras, pronunciadas por um algarvio que muito ama a sua terra, traduzem, na sua simplicidade, o reconhecimento e a emoção do povo do Algarve!

A Civilização não é um monopólio das capitais! As inteligências não tem no mundo zonas de privilégio! A ilusão de que Lisboa, com o seu Chiado e o seu Terreiro do Paço, é a unica célula viva da Nação, vai-se desfazendo com o tempo, obreiro incorruptível, com os transportes cómodos e rápidos, com a reparação das estradas, — e até com a marcha política da Republica!

Todavia este contentamento é todo feito de luz interior, de paz, de felicidade no lar. Longe de ser um exuberante, ele é mais propenso ao êxtase do que a gargalhada. É idílico, sentimental, mas com a noção das proporções!

Quanto à sua indolência, basta percorrermos a provincia dum extremo ao outro para se verificar a insubsistência da accusação.

Os terrenos férteis, estão quasi na sua totalidade cultivados; as vilas e cidades marítimas encontram-se stufadas de fábricas de conservas; em todos os climas, sob todos os ceus, em todos os mares, os algarvios mourejam duramente! Foram elles a tripulação ignorada das naus do Infante; deve-se a elles o incremento da exploração das cortiças no país; até a Terra Nova elles se arrojam na pesca do bacalhau; e na capital do país o seu exemplo de trabalho, quer no comércio, quer na industria, é notado! Quem povoou a Ilha da Madeira? Quem desenvolveu a colónia de Mossamedes?

As terras de S. Brás de Alportel tem sido conquistadas aos barrocais palmo a palmo, com os musculos dos seus braços e o suor do seu rosto! Os salgados da beira-mar são hoje vergeis, mercê do seu herculeo esforço! As dunas de Vila Real de Santo Antonio cederam perante as filas compactas de pinhais, e foi nos terrenos de aluvião que a vila se ergueu e prosperou, estando-lhe reservado um futuro brilhante!

E é este povo trabalhador e ordeiro, verdadeiro pária da nossa vida publica, que se classifica de indolente! E é possível que estas lendas nasçam, cresçam, prosperem, completamente à margem das rialidades! Só a vila de Oihão já teve mais de oitenta fábricas de conserva...

Estamos atrasados? Muitissimo!

Não nos davam portos, não nos facilitavam os transportes pelas linhas férreas, não nos reparavam as estradas, cortavam-nos, em suma, toda a comunicação com o mundo, — e depois diziam, em altas vozes: «são madraços, não trabalham»!

Serviam-se desta provincia apenas para a espremerem como teta cheia, rasando os cofres publicos com os muitos e desvairados impostos que a cornucópia do «Diário do Governo» lança sobre todos nós, e em troca recebiamos, se tanto, aquelas promessas doces que são, em regra, o condimento do acto eleitoral...

Esta boa gente nunca soude o que era incomodar os Governos com exigências imperiosas! Resultou dai esse morno esquecimento em que viviamos, — como se, na verdade, fôssemos os indígenas dum longinquo Reyno dos Algarves semi-bárbaro, espécie de possessão africana colada, como um escárneo, ao continente, e não uma das provincias mais ricas e de riquera mais variada da Metrópole!

Impressionou, por isso, agradavelmente a decisão da Ditadura, mandando reparar expontaneamente, sem pressões politicas, as

nossas estradas, podendo afirmar-se com afoiteza, que, se estas, depois de reconstruídas, tiverem uma conservação cuidadosa, ficaremos servidos admiravelmente! O impulso formidável que soufreu a rede telefónica, também é de destacar, e o fomento dos nossos portos e o desaquecimento das nossas barras, vieram coroar a bela obra regional que nesta provincia está levando a efeito a actual situação.

O Algarve começa a despertar! Ele, que tão magníficas civilizações ostentou no Passado, de que são padrões a admirável Chelb (Silves) e Ossónoba, tem direito a esperar, do futuro dias de glória e de prestígio!

A próxima Exposição de Sevilha fornece-nos um excelente pretexto para se iniciar uma obra fecunda de ressurreição! O problema do turismo deve ser o ponto de partida dessa verdadeira campanha a favor da valorisação do nosso território, da nossa tradição, e dêsse fecundo desabrochar de energias, que já se anuncia tão prometedora!

Há, por isso, que delinear com segurança um plano de fomento que abranja um programa mínimo. O programa máximo deverá ser o repositório de todas as grandiosas aspirações do Algarve, a arquitectura doirada do seu belo porvir. O programa mínimo fixará, sem duvida, as realizações imediatas e imprescindíveis! Sem método, não há obra perfeita! Antes de mais nada, o Algarve necessita de obter a noção exacta do seu valor, das suas possibilidades, de formar, por assim dizer, a sua consciência colectiva! Isso conseguir-se-há por meio dum apostolado ardente, pela palavra falada, pela imprensa, pelo livro!

Preparado o terreno, a sementeira será fácil, com trabalho e boa vontade!

O assunto é complexo, mas, sob o ponto de vista turístico, impõe-se, desde já, a sua sistematização.

Sem vias de comunicação e sem hotéis, não há turismo possível.

Se, pelo que diz respeito a vias de comunicação, o Algarve vê com manifesto agrado, que o problema está a ser resolvido, já não pode dizer o mesmo quanto a hotéis.

Se da parte da autoridade superior do distrito, ou do Governo, se não desenha uma intervenção enérgica, proibindo a exploração daqueles hotéis que não estejam em condições higiénicas, pelo menos, — receio muito que nem as boas paisagens, nem as boas estradas, consigam deter aqui os turistas meia duzia de dias!

O Algarve está hoje reduzido a um hotel, capaz de receber hospedes: o «Grande Hotel Guadiana»!

Este facto, por si só, trabalha mais contra o turismo do que toda a nossa actividade a seu favor!...

As casas construídas agora gosam da isenção de dez anos de contribuições... Porque se não aplica aos hotéis que se montem

com todos os requisitos modernos, nas zonas indicadas pelas comissões de turismo, uma disposição semelhante?

Depois d'este assunto dos hotéis, que, no Algarve, é primacial para o desenvolvimento do seu turismo, impõe-se, desde logo, a organização dum bom roteiro da provincia, onde, em referências sintéticas, mas certas, se esclareça o viajante acerca da história, das lendas e das belezas dos lugares algarvios, com muitas gravuras boas, com excelente papel, com distancias quilométricas, mapas, horarios, e todas as informações necessárias a quem viaja.

Todavia, este roteiro, que deve ser impresso em duas ou três linguas estrangeiras, tem de vir á luz da publicidade com caracter official, porque essa circumstancia traz-lhe muito mais facilidade de expansão. As despesas da edição, é muito provável que sejam completamente cobertas com a receita dos anuncios a inserir, publicidade muito procurada e rendosa.

Consta-me, no emtanto, que se pensa em vários projectos: Julião Quintinha está tomado da ideia de publicar o seu *Guia do Algarve*; Julio Dantas parece que vai escrever, a convite da respectiva comissão de iniciativa, o *vade mecum* de Lagos; Mascarenhas Judice propõe-se redigir uma obra copiosa sobre o Barlavento... e se considerarmos que já existe o *Guia de Portugal* que se occupa do Algarve, e que a Comissão de Turismo, de Faro, não deixará de dar á estampa o seu roteiro, teremos que lealmente confessar que esta abundancia de iniciativas só pode redundar num enfraquecimento notório da acção colectiva, que é preciso, neste caso, salvar, acima de tudo.

E' uma ilusão supôr que ao turista interessam monografias, por mais bem escritas que elas sejam!

O turista exige, na lingua que êle entenda, notas rápidas sobre os locais que visita, de maneira que possa tomar conhecimento de todo o seu valor numa simples leitura despreocupada, de automovel, de comboio, ou á mesa do hotel.

O resto, enfada-o! Ele procura, acima de tudo, passear e divertir-se!

Evidentemente, á bibliographia das regiões, interessa muitíssimo a monografia completa, e mesmo ás pessoas, infelizmente raras, que tem sincero desejo de ampliar a sua cultura!

Ao turista, é que não ha duvida nenhuma de que o não seduz!

Por isso antes da publicação de quaisquer outros guias, impõe-se que a Comissão de Turismo organise e anuncie o seu, pois cumpre-lhe o papel de orientar, na provincia, as diferentes comissões de iniciativa, e, em matéria de turismo, as próprias Camaras Municipais.

Deverão os guias conter opiniões pessoais, salientando os possíveis defeitos das regiões e dos seus habitantes?

Entendo que, no caso especial de guias editados por entidades oficiais, estes devem reportar-se, o mais impessoalmente possível, aos panoramas, obras de arte, factos históricos, e costumes da população.

Emfim, quem quer que seja tem o direito de apreciar nos seus livros, como entender, as regiões que estuda ou visita, desde o momento que não haja o propósito de agravar. Mas, numa obra oficial, misturar à prosa a notória mesquinhez das impressões caracterisadamente pessoalistas, (as quais variam consoante os humores, muitas vezes) não está certo!

E' o que sucedeu, por exemplo, com a parte referente ao Algarve no *Guia de Portugal*, organizado por Raul Proença e editado pela Biblioteca Nacional de Lisboa!

Pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que esse guia do Algarve, com excepção de alguns trechos sobre Monchique e Sagres, e das notas históricas de Lyster Franco, pai, acerca de Faro e Silves, e do artigo de Aquilino Ribeiro sobre Olhão, é, pelo menos, infeliz!

E' flagrante a injustiça com que Raul Proença trata os algarvios.

Oliveira Martins dissera que o nosso sol de estio é um sol «já africano». Pois Raul Proença leva a fantasia a ponto de afirmar, com uma exuberancia de andaluz, que o Algarve é «uma estufa luxuriante onde se dá muito bem a bananeira»... e que «esta população moirisca tem um tal horror nativo ás inclemências do sol que ainda usa o chapeirão negro debruado sobre os olhos, e que, mesmo de inverno, traz o guarda-sol sempre aberto».

E chama-nos... *beócios!*

Ora, o chapéu de sol, de inverno... costuma ser guarda-chuva, e serve para nós defender da água, e quanto aos chapeirões característicos de toda a população rural portuguesa, são, nem mais, nem menos, do que os feltros conhecidos na nossa literatura por chapéus bragueses, por provirem da indústria de Braga. Não há, pois, neles qualquer característica algarvia, que os diferencie dos seus congéneres do resto do país. No quadro *Os Bêbados*, de Malhóa, lá se veem esses chapéus, e no entanto o pintor não fixou um grupo de algarvios...

Os árabes do deserto, sempre á palheira, não usam chapéu, usam turbante enrolado sobre a cabeça... e, no entanto, os membros da Companhia de Jesus, que vivam quasi sempre á sombra das igrejas, conventos e palácios, punham chapéu de abas largas!

E' que essa psicologia do chapéu levar-nos-ia muito longe, a ponto de concluirmos até, se quiséssemos, que os artistas gostam de enfiar grandes chapéus... para que não lhes fuja o talento!

Para nos fixarmos bem no exagero do escritor, basta que reproduza aqui as mesmas informações que noutra lugar o *Guia de Portugal*, fundamentado na obra de Geraldino Brites, *O clima do Algarve e as suas indicações*, nos fornece.

A temperatura média do verão no Algarve é de 22°,5, sendo a temperatura média do verão, de Lisboa, de 21°. A temperatura máxima de Lisboa atinge 37°,5; a do Algarve, apenas mais 1°, 38°,5.

Será neste grau de diferença que está a nossa categoria de africanos? O que diríamos então doutras provincias portuguezas, o Alentejo, por exemplo?

De inverno, a temperatura do Algarve (12°,5, em média) só tem rival em Málaga. E' superior a Biarritz (6°,8), Nice (7°,8), Arcachon (8°,9), Mónaco (9°,9), e Estoris (11°,5).

Isto faz do Algarve, sem dúvida, uma estancia ideal de inverno, sem a contrapartida de ser muito exagerado o seu calor de verão, sobretudo nas suas praias e em Monchique.

Pouco pluviosa, sim, é esta região. Emquanto a precipitação anual, em Lisboa, é de 756^{mm}, e na Serra da Estrela de 2.464^{mm}., em Faro encontramos apenas a média de 438^{mm}. Mas, para o turismo, isto é mesmo uma importante vantagem. Só a viajantes bisarros agradará viajar com chuvas...

Dominado por essa ideia preconcebida do calor, Raul Proença justificou a existência das açoteias na necessidade que supõe o algarvio tem de se refrescar nas brisas.

A sua visão equivocou-o. Primeiro do que tudo, a açoteia é trazida de importação do norte de Africa, pelo gosto adquirido em viagens constantes, ainda que se harmonise muito bem com a tradição. Isto justifica que ela abunde tanto na Fuzeta e em Olhão, duas povoações essencialmente marítimas.

Quanto á sua utilidade, (sabemo-lo nós todos), serve para tudo, para secar roupas, figos, passas, amendoas, para prescrutar o mar, etc., menos para a conversa da noitinha, que todo o bom algarvio tem á porta de sua casa, sentado em cadeiras de tabéa.

Uma pessoa ou outra, por excepção, pode dormir ao ar livre, na açoteia, mas a sua função principal é de miradoiro, de ponto onde os olhos podem respirar mais largos horizontes.

E não há que confundir açoteias com varandas. A açoteia é uma espécie de púlpito que se ergue sobre as varandas.

Quanto ás qualidades do algarvio (pág. 204) é ouvi-lo: «aparentemente um pouco candidos de sentimentos no fundo interesseiros, mesquinhos, pouco hospitaleiros, estreitos de espirito, não vendo nada para além da sua nesga de terra, ou do seu barco de pesca, cultivando diligentemente o solo mas sem capacidades

de iniciativa, satisfeitos com o fruto que lhes cai nas mãos e o peixe que lhes vem ter á borda de água, ciosos do seu torrão natal, que estão sempre dispostos a exaltar desde que não lhes exijam sacrificios. Estas árvores rasteiras e baixinhas, estes hortos estreitos, estes pequeninos campos divididos por sebes hirsutas e protegidos por cães recalcitrantes, esta escassez de águas correntes, este clima flácido, traduziu-se-lhes no espirito como que por uma secura e pequenez de alma e a «ausência dum largo fôlego de ideal». Estas palavras com que Martins quiz definir o minhoto, applicam-se com mais razão ainda ao algarvio.

Que tal lhes parece a V. Ex.^{ta} o retrato? Explêndido, para figurar na galeria dum guia turistico, não é verdade?

Parecemos candidos, mas somos velhacos e sovinas; a boa hospitalidade, entre nós, é uma excepção; estupidos, não vemos dois palmos adiante do nariz; cultivamos muito bem o solo, é bem verdade, mas sem iniciativa, por irmos com os outros; o fruto, cai-nos nas algibeiras; o peixe anda pelas praias, implorando a esmola de o pescarem; sacrificios, não os suportamos, quando somos precisamente das provincias que mais damos ao Estado e que menos temos recebido; a nossa paisagem é estreita como a nossa alma, e no entanto deixou passar sem grave aperto o largo espirito do sr. Raul Proença; de resto, neste clima flácido só se encontram pequeninos campos (servirá a apreciação para provar que a *Seara Nova* é agora contra a divisão da propriedade?), separados por moitas de espinhos, — e até os próprios cães são recalcitrantes!

Como recomendação turistica havemos de confessar de que não há melhor! O sr. Raul Proença cujas qualidades intellectuais e morais, allás, eu estimo, verteu contra nós todo o seu azedume!

Pelo que diz respeito ás algarvias, como os algarvios «viveram exclusivamente para o seu lar» (pág. 201) e como elas são as «senhoras absolutas» desse lar, depreende-se, logicamente, que todos os casais são de varunca, mandando elas e elles nunca...

Segundo o autor, é bem verdade que em virtudes domésticas de arrumo e azeio ninguem as excede! Mas... se lhes olhamos para o traje, é de fugir! Para o traje e para a beleza! Cruzes!

«Este esmero pela habitação (pág. 202) não o applica porem á mulher algarvia, (continua Raul Proença), aos trajes que enverga, geralmente sem garridice e sem côr. Allás a mulher algarvia não prima pela beleza. O sangue moirisco corrompeu-a. A luz intensa e a excessiva secura do ar gretaram-lhe a pele. E' débil, pequena, encarquilhada, sem viço nem frescura, — um fruto passado ao sol, como as uvas e os seus figos».

Raul Proença parece que só por aqui viu centenárias e esqueceu-se de que a célebre Brites de Almeida, padeira de Aljubarrota, era natural de Faro... Apenas para Barlavento descobriu

uns palminhos de cara sadios, que lhe fizeram passar o mau humor. Ou se trata de exigência, ou não passa de miopia...

Depois... os algarvios «apreciam iguarias estranhas» (conforme assevera o autor), isto é, comem caracões e ligos de piteira, e não escondem a sua queda pelos tomates... Isto pareceu ao sr. Raul Proença, pelo visto, um delírio gastronómico digno dos imperadores romanos, e no entanto não são hábitos privativos desta região, nem tampouco d'este país.

Quando falamos, então é asneira certa: «um grande agrupamento de pessoas é *uma família*; um casal, é um *monte*; uma herdade, um *morgado*; uma colina, um *cêrro*».

Ora a palavra *monte* na acepção de casal, também se emprega no Alemtejo, pelo menos; *cêrro*, significando colina, é puro vocábulo português; e, quanto a *morgado* ser herdade, não é bem assim... O *morgado* era constituído por um vínculo patrimonial que desapareceu da legislação positiva, sem que fosse banido das locuções populares. Continua-se pois a chamar *morgados* ao que já há muito deixou de o ser, nada mais!

Um rancho de pessoas não se diz «*uma família*», mas sim *família*. «*Uma família*» é o conjunto de pessoas unidas pelo parentesco; «*família*» é o que no Algarve se toma por agrupamento. Faz a sua diferença! E tem mesmo a sua justificação no latim. «*Família*» em latim, significa justamente «*companhia*», «*comitiva*».

No que diz respeito a alegria, somos uns tumbas, bons para enterros. Não sabemos cantar, metemo-nos na aguardente de medronho, (pág. 209), e as nossas cidades, á noite, não passam de catacumbas (pág. 201)!

Ficamos porem sabendo que há uma espécie cavalari portuguesa até aqui desconhecida, «os cavalos algarvios», (pág. 210). «Não há melhores corredores», (esclarece o *Guia de Portugal*), e os seus condutores falam-lhes «como a uma pessoa de família»...

Os nossos vinhos de mesa, são zurrapa, e da pior!

«Não há pior vinho de mesa do que o do Algarve, (escreve), excessivamente alcoólico, mal preparado, desagradável ao paladar, e sem aroma nem frescura», (pág. 210).

Em todo o caso confessa que os vinhedos de Sagres (pág. 312) dão um vinho leve e saboroso, dum tipo semelhante ao ramisco dos terrenos arenosos de Colares»...

A nossa própria água (pág. 210) é proveniente de poços (!!!) e muito calcárea.

E para se avaliar do lirismo, isto é, das impressões subjectivas do sr. Raul Proença, basta verificar o que a tal respeito elle diz no prefácio do segundo volume do *Guia* (pág. 35): «Um belo espectáculo natural... difficilmente me arrancará uma página descriptiva que seja suportavel... O que vai, pois, escrito pela minha pena, é, ousa pensá-lo, inferior a mim mesmo».

Não lhe ficou atraz em delírio azedo o sr. Dr. Jaime Cortezão.

Assim, a pág. 200, diz: «a repetição constante destas paisagens estreitas chega a cançar, e não nos podemos furtar por fim a uma sensação de monotonia, que um mar quasi sem onda não anima, e um ceu baixo, como abóbada de templo, não areja.

Instintivamente, a alma pede-nos maior larguesa, maior grandeza, um sôpro mais vivo de ideal. Dir-se-ia que foi para satisfazer esta necessidade, para que o homem pudesse encontrar, *mesmo no Algarve*, paisagens cheias de rasgo e de grandeza, que a natureza poz no seu extremo occidental as massas arrogantes de Sagres e de S. Vicente, e ao norte as pitorescas quebradas de Monchique».

Conclusão: o sr. Dr. Cortezão também encontra a paisagem algarvia *estreita!* o seu mar, sem ondas! (Raul Proença já lhe chamara «caldo gorduroso»!) o ceu, muito baixo, apesar de lá não chegarem todas as vozes! a monotonia a esmo... e, como compensação de tantas semsaborias, o Promontório Sacro e Monchique, demonstrando que, *mesmo no Algarve*, (que generosidade, Santo Deus!), a natureza, quando quere, é pródiga!

Mas não é isso o que diz Aquilino Ribeiro num artigo magistral do mesmo *Guia* sobre Olhão, e não é isso tampouco o que topamos, aqui e além, pelas suas páginas fora, apesar do humor péssimo, mencionadamente na pág. 210: «E' preciso conhecer as vilas, as aldeias, os campos, a serra, o mar (no Barlavento), para sentir e amar o Algarve como êle deve ser sentido e amado, — como um dos mais lindos, originaes e sugestivos rincões da terra portuguesa», e na pág. 233: «Começam-se geralmente por ella (cidade de Faro) as excursões na provincia, o que redunda em prejuizo desta região tão pitorescamente original.

Com effeito, a mesquinhez das construções (continua o autor), a banalidade das ruas, a atmosfera pesada da ria, que a banha como uma lama morta filtrando no ar um hálito morno e oppressivo, indispõe-nos desde logo contra ella, e predispõe-nos injustamente contra o Algarve, quando de facto ha por toda a provincia grandeza e beleza que baste para fazer esquecer a insipidez da capital».

E basta de citações do maldadado *Guia de Portugal* ao qual desejo que a posteridade seja leve!

Mas julgais que só nos vêem assim Jaime Cortezão e Raul Proença?

Desenganai-vos!

Júlio Dantas, por exemplo, algarvio, de Lagos, por nascimento, publicou, ha poucos anos, um volume que intitulou *Mulheres*, e no qual se refere assim a Olhão:

«Era perto de Olhão (pag. 26 do 12.º milhar). Lembro-me ainda da viva impressão que produziu em mim a paisagem algarvia, o azul metálico do ceu, os grandes sobreiros sangrentos e descas-

cados, as encostas, — estávamos em plena primavera! — todas brancas de amendoeiras em flor».

O trecho vem sobre a forma duma carta escrita por um José a uma «querida amiga» e refere-se a uma inverosímil aventura amorosa passada em Olhão, a vila branca. E por isso a joven vestia de branco, tinha um livro de missa forrado de setim branco, «ao pé dum púcaro de prata», que também é branco, em cima duma cómoda, decerto com bançal de rendas branco, e, para cúmulo, morre virgem, na idade dos sonhos brancos...

Em primeiro lugar, nunca o sobreiro se deu nos terrenos arenosos de Olhão. Só começa a aparecer na transição da zona dos barrocais para a da serra, — ainda que a coloração dos troncos sangrentos tivesse agradado sobremaneira ao visualismo da arte de Júlio Dantas...

Em segundo lugar, o azul do ceu algarvio, em regra, não se apresenta metálico, mas sim «duma diáfaneidade vaporosa», no dizer justo de Aquilino Ribeiro...

Em terceiro lugar, Olhão fica numa planície onde não é coisa fácil a tarefa de descobrir encostas...

E quanto à ideia gentil de as amendoeiras florirem na primavera... trata-se duma ingenuidade adorável do ilustre escritor, que quiz juntar mais essa brancura ao cenário de si já branco... A filha, porém, agrava-se, quando a pág. 29 do mesmo livro se lê que «o perfume das amendoeiras em flor é tão intenso que perturba»...

Ora, na primavera começa já a coalhar o leite da amêndoa. As flores de amendoeira esfolham-se bastante tempo antes de findar o inverno, e êsse perfume tão intenso que exalavam, devia ser... das magnólias!

Até a senhora D. Emília de Sousa Costa, quiz contribuir com o seu ramo de sardinhetas para êstes desconchavos... Nas *Cartas a uma brasileira* (aqui fica, no final de contas, o reclamo de que ela tanto gosta!) diz que o sorriso do algarvio (pág. 97) «mais parece um esgar».

«Desdenhoso, mal humorado se o interrogamos, a olhar-nos desconfiado, (continua), quando lhe compramos qualquer coisa. Nem laivos da franqueza prazenteira ou da urbanidade cordial do camponez minhoto, transmontano ou beirão». Aí fica a lição...

«Nos olhos formosíssimos das mulheres, (afirma ainda) que parecem forrados do veludo negro das mortalhas, não há uma expressão de alegria a aviventá-los, nem a ternura dum afago a adoçá-los. Miram-nos desprezadores ou escarninhos»...

Eis aqui o que em curtas palavras, se pode chamar uma má impressão escrita em péssima prosa...

Se êstes escritores, uns com mais, outros com menos talento, outros ainda sem nenhum, mas com uma taboleta brilhante pelas pinceladas do verniz dos amigos, porfiem em apreciar assim o

Algarve, teremos todos que abandoná-lo, em breve, para que S. Ex.^{sa} o povoem á sua real vontade. Mas é necessário tomar tento, não vão eles, enganados pelas palmeiras e pelos tais cachos de bananas, — enchê-lo de camelos...

Apreciemos ainda, na parte que se refere ao Algarve, uma obra que teve grande retumbância literária: «Pescadores», de Raul Brandão. E, depois, prosigamos o nosso caminho...

Sabem V. Ex.^{sa}, o que, segundo êsse livro, torna notável a mulher algarvia?

«A de Olhão, (pág. 280), trigueira, de olhos negros, e um lindo sorriso reservado, passa por ser a mais bela da provincia, pela vivacidade e pela fartura do cabelo».

E a de S. Braz, por exemplo, o que é que a distinguirá?

«Já em S. Braz de Alportel, (diz Raul Brandão), ali perto (!!!), as cabeças teem reflexos doirados e os peitos são desenvolvidos»...

Aprendemos então que S. Braz de Alportel é *ali perto* de Olhão, e que as sambrazenses se conhecem, num mover de olhos, por «uma larga curva de peitos»...

Mas o autor diz mais: diz que elas se sentam nas esteiras sobre os calcanhares, em «casas forradas de junco ou de palma», e que, alem disso, fabricam artefactos de palma, entre os quaes, «as alcofinhas mais pequenas chamadas alcoviteiras»...

Este passo mereceu as honras de transcrição no *Guia de Portugal*. E' pena, porém, que não corresponda á verdade!

Lá que se sentem sobre os calcanhares, é possível; que as casas teem muitas vezes esteiras de palma, está certo; mas já não posso dizer o mesmo quanto á circumstancia de as forrarem de junco ou mesmo de palma, pois da prosa do autor conclui-se que, apesar da esteira, estão forradas.

E o que dizer das tais alcofinhas chamadas alcoviteiras? E' que se dá precisamente o contrário! As alcoviteiras é que se chamam... alcofinhas de levar e trazer!

A pág. 275 escreve: «O grande negócio de Olhão foi sempre o contrabando. Não é contrabandista quem quere: é preciso intelligência e astúcia, arrojô, o alerta dum chefe selvagem e a imaginação dum poeta».

Depois, fala-nos do contrabandista Mendinho, afirmando (pág. 277): «Este homem é um homem aparte no Algarve. Se veiu de Ihavo, como dizem, não sei, mas é o unico homem arrojado desta costa».

Mas mais adiante, insiste (pág. 278): «Arriscam a vida para salvar a dos outros: hoje por ti, amanhã por mim».

Destas incongruências é feito o livro todo...

Eis como ele descreve uma casa pobre de Olhão:

«Dois compartimentos (pág. 283): a chaminé, que é nome da cozinha, (que tremendo disparate! A chaminé é a parte da cozinha onde se acende o fogo...) e a casa de fora. Uma esteira no de festa, uma cómoda e um bancal de renda. A um canto, um pote e o indispensável pincel»...

Para Raul Brandão, as chaminés são as almas dos moiros que deitam fumo (pág. 302). Tavira, considera-a uma terra de montanheiros, onde até o mau cheiro de Olhão lhe cheira bem! E, quanto aos algarvios, afirma (pág. 303) «que as suas almas rancorosas estão divididas como a terra. Um palmo de campo faz uma diferença extraordinária e um marco disputa-se a tiro, entre irmãos!»

Este retrato consolador deve ser colocado em museu próprio ao lado dos clichés do *Guia de Portugal*.

Referindo-se a um crepusculo algarvio (pág. 309):

«As meias tintas é escusado procurá-las. Nunca lhes chega a hora melancólica em que a paisagem do norte empalidece e desmaia como quem vai morrer».

Mas a págs. 317-318, escreve: «A luz sustenta... E' ela a criadora destas agonias doiradas que vão esmorecendo e passando por todos os tons até morrer a muito custo».

Falando da pesca do atum, o autor declara (pág. 305) que «o seu maior inimigo é o homem, que o devora!» e compara-a à matança de porcos.

Agora vejamos a atenção que o ilustre escritor tomou na sua viagem e como se justifica que tudo lhe tivesse saído errado.

Segue de comboio. Passam (pág. 315) Almancil-Nexe, Diogal, Marchil... Todavia, Raul Brandão segue para Sagres, — e dali a pouco encontra-se em Portimão...

E, de passagem, oh desconchavo!, avista com toda a nitidez da sua descrição, «a deslumbrante Fuzeta, com o seu zimbório entre árvores esguias»...

Entrementes, vai descrevendo a paisagem: as figueiras estendem os braços pelo chão, até o mar, deixando cair na água os ramos vergados de fruto (o que é a literatura!), os burros aparecem-lhe a cada canto, como avatares, a ponto de o autor super-

(pág. 317) que são eles quem no Algarve «embala os berços»... E' que o burro, talvez porque é burro, «produz muito e contenta-se com pouco», e já o *Guia de Portugal* lá o diz que somos muito sovinas...

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Resumidamente, está feita a prova, com obras de nomeada, de que há necessidade imperiosa de desenvolver uma util propaganda da nossa provincia, tão maltratada mesmo pelos que se permitem julgar que lhe querem bem, contando, para essa obra, acima de tudo, conosco, e organisando um roteiro sintético (que outras regiões com menos reclamo, como por exemplo Tomar, já teem levado a efeito), um verdadeiro guia, que, pela sua honestidade e pela sua clareza venha repor tudo no seu lugar, sem exageros, mas também sem deficiências, de maneira a não iludir com um rótulo vistoso os leitores desprevenidos.

Grandes obras de algarvios teem já visto a luz da publicidade, e delas bem justamente se pode orgulhar a nossa provincia!

Citarei, em primeiro lugar, o nosso poema, por excelência, *O Meu Algarve*, de João Lúcio, que não mereceu ao *Guia de Portugal* a mais ligeira nota. De seguida, lembrarei os *Sonetos*, de Cândido Guerreiro, onde se encontram finas miniaturas paisagistas, e aproveito o ensejo de anunciar com alegria que o Poeta vai dar á estampa um novo poemeto *Promontório Sacro*, que será mais uma apoteose da terra algarvia. No *Visinhos do Mar* Julião Quintinha faz-nos do Algarve colorista e sensual, onde há uns certos laivos de tragédia, e Teixeira Gomes, estilista primoroso, que fez da estética uma religião, dedica-lhe em quasi todos os seus livros páginas de veemente adoração. Cito ao acaso *Inventário de Junho e Agosto Azul*.

Bernardo de Passos é bem a incarnação do nosso bucolismo doce.

Fernandes Lopes, na sua conferência *Sobre o Poeta João Lúcio*, deixa-nos entrever todas as possibilidades do seu alto espirito, de invulgar cultura.

Emiliano da Costa, no seu recente livro *Heliantos*, revela-se-nos, de chofre, como um poeta notabilissimo, duma frescura e originalidade incomparáveis. Pronto para a tipografia tem o artista neste momento uma nova obra *Phlogistos*, a qual, se neste país houver algum gosto pelas coisas belas, ainda, lhe há-de fatalmente grangear a reputação a que tem jus! Assis Esperança acaba de publicar um admirável romance *Ressurgir* que é a promessa esplêndida da obra prima que o artista ha-de um dia produzir.

Isto pelo que diz respeito a obras literárias de que faço, apenas, uma ligeira e incompleta menção. Sob o ponto de vista

scientifico, temos as *Antiquidades Monumentais do Algarve*, de Estácio da Veiga, obra magnífica, de profunda investigação, do pouco que no género se tem feito no país, *O Algarve Económico*, de Tomaz Cabreira, outro volume que honra a actividade intelectual da provincia, e o recente estudo sobre portos, do engenheiro Duarte Abecasis, que é um trabalho de mérito invulgar, definitivo.

Nesta ordem de ideias, procuram os novos trazer também para o espólio comum a contribuição do seu estudo.

Carlos Pedro Cabrita, acaba de lançar no mercado as *Bases Históricas de Regionalismo Algarvio*, obra tenteante, mas reveladora de indiscutíveis qualidades, e o Dr. Mário Lyster Franco trabalha neste momento numa *Bibliografia do Algarve*, cujos méritos me parece inutil encarecer.

Continuemos pois confiando acima de tudo no nosso esforço, para progredirmos, e para traçarmos com firmeza o plano do novo Algarve, do Algarve novo, daquele Algarve que será, amanhã, um foco de cultura, como já o foi no passado, de turismo e de civilização!

Se olhamos para traz de nós, podemos medir e admirar num relance toda a distancia e grandeza do passado, — mas não nos devemos esquecer nunca de que na nossa frente se abre um ilimitado futuro!



MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Esta paisagem do Algarve é, em tudo, digna do vosso carinho e do vosso elogio! Raramente, em tão curto espaço, a natureza pode ser mais variada e mais fecunda!

Desde as praias de rochas sangrentas, escavadas em furnas, onde esvoaçam pombas bravas, até á frondosa apoteose da Serra luxuriante, sussurrante de águas e arvoredos verdes, de tudo aqui se encontra neste recanto abençoado da terra portuguesa, das mais lindas do mundo; a cadeia de montes veludosos e sombrios da serra algarvia, espectáculo raro e de uma doçura peregrina á luz arroxeadada da tardinha; um promontório pedregoso e severo, que é uma explanada hamletica sobre a imensidade do Atlantico; campinas duma doçura incomparável, semeadas de casais brancos; aldeias marítimas aninhadas á beira de água como as gaivotas, nas escarpas; os sapais, de aspecto selvagem e duro; pinhais nostálgicos ondeando nas lombas das serras e nos terrenos pálidos da beira-mar; toda a gama pictórica da paleta de Deus, toda a

sua riqueza e sortilégio nas tintas alacres das madrugadas, nos balalis ruidosos dos meios dias, ou nas cambiantes esmorcentes dos crepúsculos!

O Algarve é uma saia de cigana estendida no sol! o mar é a sua barra azul!

Ele canta nas suas côres, um hino rútilo e saudável, um evohé frenético á alegria de viver!

As águas correntes das suas serras, as águas inquietas do seu mar, o trilo mavioso das suas aves, e o rumor borbulhante como uma fonte do seu trabalho, e aquelas canções quentes de som e de amor, que eu ainda trago nos ouvidos, de tantas vezes as escutar nos campos, nos ranchos de raparigas, — são a amiga saudação com que a minha província recebe todos aqueles que a visitam, a ternura com que lhes pede que em seus panoramas deixem enamorados os olhos!

O Algarve, bondoso como o seu clima, afável, acolhedor, é um rincão hospitaleiro onde cada hóspede encontra sempre uma auréola de carinho!

O *Guia de Portugal* diz o contrário? O *Guia de Portugal*, mente!

O algarvio é cavalheiresco nos seus affectos, é urbano nas suas relações, é cativante no seu trato, é generoso, é amigo dos pobres! Além do quê, é trabalhador, ainda que não seja perseverante, sabe lutar duramente pela vida, em todos os continentes, sobre todos os mares, sob todos os céus!

Dizem o contrário? Mentem! E' porque o não conhecem, é porque não conviveram com êle, é porque não sabem a que ponto pode ir o seu espirito de sacrificio e de renúncia!

E o grande amor que tem á sua terra, é uma virtude nobilitante!

Foi êsse estranho amor que o levou a escorraçar os soldados de Napoleão, contra as recomendações do seu Rei, na revolta de Olhão, quando das invasões!

O que não tem havido é quem saiba orientá-lo, encaminhá-lo, torná-lo colectivamente um bloco cívico!

Sim, o *Roteiro do Algarve*, o seu verdadeiro roteiro, tem que se fazer!

Vila Rial de Santo Antonio ha-de-nos contar aí a epopeia do seu areal, transformado á custa de perseverante trabalho, e as belezas do seu rio Guadiana, que é um abraço ibérico entre águas de Portugal e águas de Espanha; Castro Marim, hoje tão modesta, evocar-nos-há aí a sua brilhante história antiga, falando-nos do seu castelo, que D. Afonso III mandou construir e onde D. Diniz criou a Ordem de Cristo, de famosa memória; Monte-Gordo dir-nos-há as excelências da sua praia; Tavira, a linda cidade adormecida sobre o espelho do Gilão, fará resoar, num clamor heroico, a evocação do seu passado de nobreza e de

lutas, donde emerge a figura enérgica do guerreiro que foi D. Paio Peres Correia; a Fuzeta terá a história arrojada dos seus barcos de pesca, onde heróis anónimos morrem cada ano lutando com as ondas do mar, e as suas lindas construções para nos premer o coração; Olhão, a das açoteias brancas, com um ar de emir recostado no seu albornoz, de olhos no azul do ceu e do mar, dir-nos-há o que foi o acto de aventura sublime da viagem ao Brazil, num caïque, sem cartas de marear, para se anunciar a D. João VI a boa nova da derrota dos franceses, e porá em destaque os seus costumes bizarros, e aquela sua doce paisagem, onde o São Miguel põe um pano de fundo roxo de elegia; Faro, deslumbrar-nos-há com o seu panorama admirável de Santo António do Alto, e discriminar-nos-há as riquezas desconhecidas dos seus museus; S. Braz de Alportel, tem para se fazer realçar, o seu clima saudável e a sua prespectiva soberba do Corotelo; Estoi, o seu palácio ao gosto italiano e a sua rútila vista sobre a campina, até ao mar; Loulé, as suas muralhas e as suas lendas de moiras, e os campos formosos e ferteis de ao redor; Alte, a das mil fontes, nas abas da serra algarvia, a mais bela queda de água do sul do país; Albufeira, as suas rochas caprichosas; a Praia da Rocha, a fantástica arquitectura dos seus palácios marinhos onde decerto as nereidas habitam; Monchique, a sua magnífica estancia de águas, e a magnificência paradisiaca das suas matas, e a altitude da Foia, e o bucolismo dos Pisões; Lagos, a baía suntuosa que outrora abraçou na sua curva solene as Naus dos Descobrimentos e onde um dia ancorou a armada da loucura heroica em que D. Sebastião ardeu no delírio da sua febre imperialista; Sagres, o lugar santo da memória do Infante D. Henrique, essa grandiosa figura de bronze que é ainda hoje o Deus tutelar do Cabo; e o Promontório Sacro, esses penhascos sombrios e hirtos onde, segundo Artemis, «os deuses vinham descansar á noite dos seus trabalhos e das suas viagens pelo mundo», aquelas plagas venerandas a que um dia foi arrojado, depois do martírio, tendo por sentinelas dois corvos marinhos, o corpo de S. Vicente...

E tantos, tantos lugares mais a que eu não me refiro aqui, e tantos assuntos interessantes a focar, ao redor da arte e da industria regionais!

O que se impõe, porem, é um trabalho consciencioso, de maneira que, amanhã, todos nós, apontando o Roteiro, possamos orgulhosamente dizer: aqui está o Algarve!

Que todo o forasteiro, que cada algarvio, mesmo, tenha ali um amigo obsequioso que lhe ensine a bem conhecer a provincia! Uma espécie de catecismo da nossa fé! Uma espécie de balanço sumário aos nossos haveres! Qualquer coisa que nos permita, num rápido exame, avaliar toda a riqueza natural, paisagista, monumental, e até folclórica do Algarve, sendo de justiça salientar.

sob este ultimo ponto de vista os subsídios deixados por Ataíde Oliveira.

A Exposição de Sevilha, é, torna a dizê-lo, o melhor, o mais fácil pretexto, para inicio da nossa grande obra de organização e de turismo.

Disse-o, já há mais de um ano, nesta mesma cidade, numa conferência do Circulo de Espanha, confirmei-o pouco tempo depois noutra conferência de Lagos, — e nesta hora continuo firme no meu posto, preconizando a mesma doutrina, batendo-me pela mesma causa!

O Algarve ocupa uma posição de privilégio perante o certamen da capital hispalense, posição que é pena que nós não tenhamos sabido aproveitar, estando ainda, não obstante, a tempo de fazermos alguma coisa de util!

Deixamos tudo para o fim, para a ultima hora! E o velho costume português...

O que é, no final de contas, a Exposição de Sevilha?

Um fraternal abraço trocado entre a Ibéria e a América, que espanhóis e portugueses descobriram e civilizaram. Tem por fim reatar os elos duma influência espiritual, porventura enfraquecida. É, se é a evocação do passado heroico das caravelas, em que fomos por mares nunca dantes navegados descobrir mundos, é, sobretudo, a afirmação orgulhosa, feita perante o mundo, de que fomos nós, portugueses e espanhóis, que criámos essas nações fortes para onde tende a deslocar-se o fulcro da política mundial!

A Exposição de Sevilha, é, portanto, uma afirmação de vitalidade!

De tal maneira em Espanha se pensou em atingir este desideratum de aproximação sentimental e politica com a América, que a importancia industrial e comercial da Exposição de Sevilha ficou relegada para segundo plano.

Por isso abre ao mesmo tempo a Exposição de Barcelona, cujo caracter é scentuadamente industrial.

Dai a Exposição Ibero-Americana realizar-se em Sevilha, cidade eminentemente propicia ao turismo e cheia de reminiscências historicas. E' lá que se encontram, por exemplo, os arquivos preciosos dos Descobrimientos, na Casa Lonja.

Depois... foi da Andaluzia, de la Rábida, que saíram as naus de Colombo! E, minhas senhoras e meus senhores, (estabelecamos a referência), foi do Algarve, a provincia portuguesa que está a paredes meias com a Andaluzia, que partiram as galeras do Infante!

As caravanas turísticas terão, durante a Exposição de Sevilha, esses dois lugares sagrados a visitar, numa romagem de evocação e grandeza: Palos e Sagres!

O sr. Marquês de Quintanar, grande de Espanha e poeta de

requintado mérito, concedeu, há tempos, para o *Diário de Notícias*, uma entrevista ao meu amigo António Ferro, onde palavras idênticas são pronunciadas com uma notável clarividência:

«Os portugueses e os espanhóis, disse o ilustre titular, devem ir em peregrinação desde Sevilha ao sítio de onde partiu Colombo, e á Rocha de Sagres, onde Henrique, o Navegante, abrasado pela febre divina, lançava as suas caravelas ao mar tenebroso! E devemos ir também ao fundeadouro das naus de Magalhães, português ao serviço do Rei de Espanha, em tempo de paz, que enlaçou os nomes das duas grandes nações, — a quem Alexandre VI repartiu o mundo descoberto e por descobrir — nessa primeira viagem de circumnavegação que lhe custou a vida!»

O Algarve orgulha-se mesmo de ter dado ao Infante alguns dos seus mareantes imortais, e aquela massa anónima, nem por isso menos heroica, que tripulou as suas naus, e que as doenças, os naufrágios e as lutas com os gentios, castigaram tantas vezes!

*
* * *

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Este bocado de terra portuguesa que se chama Algarve, é justamente aquele que deu os sete castelos gloriosos ao Escudo Nacional!

E' o nosso território aquele que, dentre todos, mais exaltado está nas quinas portuguesas!

Como ele se mostra assinalado na bandeira da Pátria, assim deve ficar gravado para sempre nos vossos corações!

Que cada um de vós mantenha em vossos corações, sempre presentes, êsses sete castelos gloriosos, sete castelos de amor, sete firmes baluartes de defesa desta terra bendita que nós temos o dever de valorizar!

Não de mãos postas e de olhos nas estrelas! Mas procurando na acção o tónico da energia, desmentindo, duma vez para sempre, a calúnia de que só sabemos sonhar!

OBRAS DO MESMO AUTOR

Idolos de Barro, 1.^o volume (Albino Forjaz de Sampaio), 1920, Lisboa.

Idolos de Barro, 2.^o volume (Júlio Dantas), 1923, Lisboa.

Ritual de Amor, novela, 1923, Lisboa.

A Paisagem, a Mulher, e o Amor, conferência, 1925, Lisboa.

Deus Pan, contos rústicos e paisagens, 1925, Porto.

El-Rei Bébé, novela infantil, 1923, Lisboa.